2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 31. QUINTA FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1852. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DISTRICTO DE VIANNA DO CASTELLO.

Productos naturaes e objectos manufacturados.

Temos a lamentavel falta de uma estatistica das nossas forças productivas. Caminhamos no desenvolvimento dos interesses economicos, mas não sabemos como, nem para que.

E no que devia ser quasi positivo tudo é conjectural.

Na falta dessa estatistica aparecem ao menos alguns apontamentos para ella, ainda que sejam truncados e imperfeitos.

Uma collecção de taes apontamentos seria já base para obra de mais vulto e serviria como de indice do inquerito da quantidade e da qualidade, a que os productos se deveriam sujeitar.

Em consequencia destes nossos constantes desejos, para que haja algum meio de avaliar os nossos recursos, damos bastante valor á seguinte nota dos productos naturaes e manufacturados do districto de Vianna do Castello, e oxalá que de cada districto podessemos obter uma nota identica. — A que vamos publicar foi organisada sendo governador civil de Vianna o sr. José de Mello e Gouvêa.

COMBUSTIVEIS MINERAES.

Anthracite. — Existe na freguezia de Villar de Mouros, concelho de Caminha. Os conterraneos ignoram a qualidade e prestimo deste producto, e chamam-lhe terra preta, applicando-a a pinturas ordinarias.

PEDRAS DE CONSTRUCÇÃO.

Granito. — É só desta pedra que se faz uso no districto para construcção, tendo differentes variedades de granulação, mais ou menos fina.

MADEIRAS DE CONSTRUCÇÃO, CARPINTARIA E MARCENARIA.

Acacia — Amieiro — Amoreira — Azevinho — Aveleira — Buxo — Carvalho — Castanheiro — Cereijeira — Chorão — Figueira — Freixo — Laranjeira — Limoeiro — Loureiro — Loureiro Regio — Medronheiro — Nogueira — Oliveira — Olmo — Pinho bravo — Pinho manso — Platano — Salgueiro — Sobro — Vidoeiro.

Destas 26 qualidades de madeiras as mais estimadas são o buxo, platano, laranjeira, e nogueira.

As de mais uso — o pinho e o castanho. As que se exportam para Lisboa e para as ilhas são o pinho, o carvalho, e a cereijeira, sendo tambem as que mais abundam no districto.

PRODUCTOS AGRICOLAS.

Milho. — Grande e principal cultura do districto — exportação em grande escala.

Trigo. — Pequena cultura e apenas a necessaria para o consumo do districto.

Centeio. — Cultura regular, não só para o consumo, mas tambem para alguma exportação.

Feijão. — Bastante cultura e alguma exportação.

Batatas. — Nem sempre chegam para o consumo.

Cevada — Aveia — Fava — Inhames. — Limitada cultura.

Linho. — Não chega para o consumo; importa-se bastante estrangeiro.

Lãa. — Não chega para o consumo, importa-se de Lisboa.

Cera. — Pequena producção.

Vinho Verde. — Muita producção, grande consumo no districto e limitada exportação.

Azeite. — A producção não chega para o consumo, e vem para o districto algum de Lisboa, mas a maior parte vem das provincias de Traz-os-Montes e da Beira.

Leite. — Bastante para o consumo em liquido.

PRODUCTOS MANUFACTURADOS.

Aguardente — Não se fabrica ao presente muita, porque sendo os vinhos muito fracos, são necessarias pelo menos dez ou doze pipas, para produzirem uma de aguardente.

Manteiga e queijo. — Fabrica-se bastante manteiga, e neste districto já mui pouca se importa estrangeira; queijo não se fabrica.

Vellas de cera — *De cebo.* — Bastantes para consumo.

Cal. — A precisa para consumo, vindo a pedra da Figueira, S. Martinho e de Lisboa.

Cordas e cabos. — Apesar da fabricação ser muita, ainda se importam.

Obras de ferro. — Instrumentos de lavoura e de uso commum, fabrico grosseiro; pela maior parte são fabricados no districto; mas ainda assim vem bastantes do Porto e de Braga.

Obras de fundição. — Ha no districto tres fundidores; mas a maior parte são fundidas em Braga.

Obras de folha de Flandres. — O fabrico do districto é o sufficiente.

Serralharia. — Apesar de haver bastante fabrico, vem muitos artefactos de Braga.

Moveis. — Já se fazem com bastante perfeição; mas apesar disso vem bastantes de Lisboa e do Porto.

Chapeos finos e grossos. — Fabricam-se alguns; mas vem muitos de Lisboa e do Porto.

Telha. — Fabrica-se a precisa para o consumo.

Tijolo. — Além do fabricado no districto, vem algum do Porto, por esta ser de melhor qualidade.

Faiança. — A producção não chega para o consumo.

Tecidos. — De linho, de linho e lãa, e de lã, bastantes para uso do povo.

Ha exportação de tecidos de linho, e de rendas; os mais tecidos não supprem o consumo nem na qualidade nem na quantidade.

CONFERENCIAS SANITARIAS INTERNACIONAES.

Da *Patrie* de 21 de janeiro ultimo tomamos o seguinte artigo:

« Os srs. ministros dos negocios estrangeiros, e da agricultura e commercio, foram hoje encerrar pessoalmente as sessões da conferencia sanitaria internacional. Esta conferencia, composta de dois delegados de cada uma de doze nações, fora convocada para tratar questões simultaneamente interessantes para a saude publica, o commercio e a navegação: depois de 6 mezes de trabalho assiduo, de estudos profundos, de discussões conscienciosas, chegou a resolver o problema difficil que lhe fôra proposto.

« Graças á actividade que seus membros mostraram, á dedicação de que tantas provas deram, graças ao seu zelo e aos seus conhecimentos, a saude publica da Europa, continuando a ser perservada com toda a prudencia contra a invasão das molestias contagiosas, poderá de futuro mostrar-se menos rigida no apparato de suas precauções, menos rigorosa nas particularidades das quarentenas. As relações internacionaes, a industria, o commercio, a navegação, o transito, n'uma palavra, este movimento dos negocios cada vez mais veloz, esta boa intelligencia cada vez mais facilitada entre as nações, todas estas coisas que constituem a prosperidade da Europa e hão de vir a ser a honra deste seculo, tirarão egual proveito da porção de tempo que a sciencia medica e a experiencia administrativa poderão conceder-lhes, isto é, terão a seu favor probabilidades de vantagens.

« O sr. ministro dos negocios estrangeiros, persuadido mais que outra qualquer pessoa da importancia dos trabalhos desta conferencia e dos excellentes resultados que não deixarão de obter, louvou em termos tão justos como fervorosos os delegados de uma grande parte da Europa, pelos esforços que fizeram n'um intuito commum, pelas concessões em que combinaram em interesse geral, e pela concordia tão satisfactoria que acabava de coroar as suas obras.

« Depois de ter attribuido, com melindre de cavalheiro, a MM. Baroche e Buffet a honra de terem indicado, na inauguração dos trabalhos desta conferencia, o espirito de conciliação pelo qual podia conseguir seu intento, e de serem os primeiros que a animaram em sua tarefa e lhe presagiaram prospero resultado; o sr. marquez de Turgot se felicitou de poder annunciar hoje á Europa que o progresso neste ponto, como a França o concebêra, achava-se realisado. Com effeito, se o sr. ministro conseguir, segundo a esperança que manifestou a cada um dos delegados, que as suas respectivas nações do Mediterraneo acceitem os projectos de regulamento e de convenção sanitaria que d'ora ávante estão confiados ao seu vigilante cuidado e leal capacidade, será, repetimol-o, um beneficio immediato para o commercio e navegação e um germen futuro de boa harmonia internacional e de paz europea.

« Em seguida o sr. ministro dos negocios estrangeiros, com palavras tão expressivas quanto profundamente pensadas, deu tambem prova de sua particular sollicitude pelo trabalho da conferencia, e dos esforços que individualmente fizera para que rematasse no actual resultado.

« Antes do encerramento definitivo, o sr. ministro dos negocios estrangeiros informou os delegados de que o principe presidente da republica, que se interessára em toda a serie de trabalhos da conferencia e punha grande esperança no seu bom resultado, não quizera que partissem da capital da França sem lhes dar um testemunho de sua particular estima, nomeando-os membros da ordem nacional da legião de honra.

A conferencia pelo orgão de seu presidente, Mr. C. E. David, exprimiu a sua gratidão ao principe presidente da republica, aos srs. ministros dos negocios estrangeiros e do commercio; e separou-se deixando, como actos que confeccionou, um covenio e um regulamento sanitarios, que estabelecem, quanto é possivel, a uniformidade nas quarentenas, bem como nos direitos e administrações sanitarias do Mediterraneo.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 355.)

ROBINIA.

A acacia, ou *Robinia Pseudacacia* é indigena da America Septentrional; esta planta pertence ás arvores de bosque, prospéra em todas as qualidades de terra, resiste a todas as exposições, e dá-se tão bem nos sitios montanhosos, como nas planicies. Cultiva-se em bosque de córte, e para tirar estacas para as cepas de vinha. Cresce com muita rapidez; em dois annos chega a ter a altura de tres metros (treze e meio palmos): e em cinco annos o tronco da planta vem a ter a grossura em circumferencia de cinco ou 6 decimetros. Regula-se pois como se quer, segundo o uso a que se destina. Faz bons tapumes que não deixam entrar o gado nos campos e assim deffendem as propriedades situadas junto ás estradas dos assaltos dos homens, e dos animaes. A sua madeira é boa para fabricar trastes de casa, para vigas etc. etc. Os seus ramos servem para fazer arcos, para diferentes usos. A sua lenha é forte, queima bem e dá tambem bom carvão; porém este póde ter um defeito que cumpre corrigir, aliás deitará um cheiro desagradavel; evita-se deixando seccar completamente a lenha.

AMOREIRAS.

As amoreiras prosperam aqui bem, póde-se francamente asseverar que a sua vegetação progride, em comparação com o clima da Lombardia e do Piemonte, na rasão de 1 a 3.

TRACTAMENTO DOS BICHOS DE SEDA.

Os bichos de seda que se obtém ha ja 3 annos, seguem regularmente todas as suas methamorphoses, e os casulos assemelham-se em qualidade aos melhores da Lombardia e do Piemonte.

FIAÇÃO DE SEDA.

A seda que aqui se fiou em 1850, pela primeira vez, teve em resultado mostrar a sua excellente qualidade, como as melhores, e mais bellas sedas da Lombardia e do Piemonte.

S. ex.ª o sr. duque, de saudosa memoria, seguindo os impulsos da sua inspiração philantropica e generosa, queria intentar a este respeito a execução dos planos do grande Pombal. A terra e o clima são muito propicios ás amoreiras, e ainda mais que na Lombardia. Se a Lombardia, que tem um sexto da superficie de Portugal, tira só da seda um rendimento annual de 150 milhões de francos, a que grande prosperidade podia chegar Portugal, se este genero de cultura fosse generalisado?

A civilisação que rapidamente se estende mediante o maravilhoso vehiculo dos caminhos de ferro, e da navegação a vapor, tem de absorver a maior quantidade de seda que se possa produzir, sem depreciamento de preços. Esta minha observação está demonstrada pela experiencia, e provada pelas estatisticas, de modo que o augmento dos preços das sedas nestes ultimos annos tem sido sempre em proporção com o desenvolvimento dos caminhos de ferro, e da navegação por vapor.

Mas para o tratamento das amoreiras e dos bichos, e para o modo de fiar a seda são necessarias regras e preceitos dictados pela experiencia. Fóra disto ha de enganar-se quem quizer emprehender especulação por um simples capricho.

Depois do marquez de Pombal, tendo muitos feito tentativas para introduzir estes tres ramos de industria sem perfeito conhecimento de causa, alcançaram maus resultados, e vendo o contrario do que pensavam desanimaram-se e abandonaram não só a empreza, mas apregoaram a impossibilidade de se tirarem consequencias lucrativas. Deve-se a estes o tardio progresso da industria, tendo com as suas falsas asserções desanimado tambem os individuos que se podiam tornar mais valiosos para esta empreza. Os melhores tratados publicados pela imprensa sobre estes tres ramos, e reconhecidos geralmente como os mais uteis, são. Para a cultivação das amoreiras, a obra do conde Verri, que por 40 annos estudou nos seus proprios bens ruraes.

Para o tractamento dos bichos de seda, a do Conde Dandolo, que empregou quasi toda a sua vida em tractar deste objecto por sua propria conta, e que o reduziu por assim dizer a sciencia. A este tractado Dandolo fez em seguida algumas emendas em virtude de descobertas de phenomenos damnosos. Agora seu filho que tem a mesma actividade do pae, e o mesmo genio de ser util á sociedade, reuniu os posteriores escriptos de seu pae, e publicou-os juntamente com outras descobertas, que elle tambem fez depois de assiduos e cuidadosos estudos.

Finalmente, para a instrucção sobre a fiação de seda ha a obra de Gera, antigo e douto proprietario applicado á fiação. Em quasi todos os livreiros de Milão se encontram estes tractados.

Menciono estas publicações, porque muitas pessoas de distincção me perguntaram quaes eram os melhores tractados que deviam procurar para sua instrucção, e faço-o por meu dever, e em satisfação aos desejos de s. ex.ª o sr. duque, que tinha sempre em mente poder ser util ao seu paiz.

LAGOS ARTIFICIAES.

Fizeram-se tres lagos artificiaes para recolher as aguas dispersas, que damnificavam com a sua estagnação as terras, e a saude dos habitantes; e depois distribuil-as em beneficio da irrigação dos prados preparados segundo o plano de irrigação lombarda, systema que por todos é considerado o melhor.

A sua construcção é muito simples. Não ha necessidade alguma de pedras nem de cal, porque é com a terra que se fabricam as prezas ou diques, e até a construcção, que abrange as aguas, é composta de um só canal subterraneo de madeira, o qual se abre e fecha por meio d'uma valvula semi-espherica, segura a um pau inclinado, que vai do fundo do lago á summidade do muro, onde existe um parafuso, que fazendo-se girar abre a valvula, que está sobre a abertura da construcção, graduando a quantidade de agua que se pertende deixar correr.

Todas as outras albufeiras, lagos ou tanques, e similhantes obras que se fazem com cal e areia, além de custarem grandes sommas para a sua primitiva construcção, estão sujeitas a continuas despezas de manutenção, pela facilidade com que a acção do tempo opéra sobre ellas. Pelo contrario as albufeiras e lagos, feitos em Calhariz com simples terra, custam muito pouco e duram eternamente, sem necessidade de despeza alguma de manutenção.

PRADOS ARTIFICIAES IRRIGATORIOS.

A minha longa experiencia apoiada tambem na do distinctissimo pratico Berra, que escreveu sobre os prados tratados por elle mesmo, move-me a dizer que o producto dos prados preparados pelo methodo praticado na Lombardia é superior a todo e qualquer producto que se pode obter por meio da agricultura. E para prova leia-se Berra a pag. 152. «Por « estes calculos baseados em observações de factos « por mim mesmo obtidos, pode-se dizer que de « uma *pertica* (27 varas quadradas) de superficie, « terá quem sustenta vaccas, L. 48, 7 e 6 milanezas (6$120 rs.) por anno.»

Causará admiração que uma tão pequena superficie de terra possa valer (capitalisando o dito producto na rasão de 4 por cento) a somma consideravel de 150$000 rs. Dão amplo testemunho destes resultados, as palavras pronunciadas pelo ministro de agricultura e do commercio, perante o parlamento francez em 1845, appresentando o projecto de lei sobre irrigação. «Effeitos do systema lombardo de « prados artificiaes. Assim na Lombardia, nesta pla- « nicie do Pó, tão pobre pela natureza do seu solo « e tão rica pelo genio dos lombardos, a irrigação « habilmente empregada desde muitos seculos chegou « a fazer produzir por cada hectare de prados uma « renda annual liquida de 1098 francos.»

Nenhum outro systema de cultivação, com um tão rico producto, e constante, é egual ao acima referido, porque não se acha exposto, como qualquer outro, aos perigos das frequentes seccas. E convém aqui observar que na Lombardia as maiores seccas duram pouco mais ou menos mez e meio. No resto do anno chove ordinariamente todos os 15 ou 20 dias. Em Portugal, pelo contrario, a secca dura quasi sem interrupção todo o verão, isto é 5 a 6 mezes. Neste paiz a terra é fertilissima: ha muita agua, que se deixa correr inutilisada para o mar. Sendo o clima propicio á vegetação, é tanto mais necessaria a irrigação, quanta é a escacez das chuvas.

O resultado seriam riquezas neste ramo, superiores ainda ás que produz a Lombardia.

O leite, a manteiga, o queijo vendem-se aqui por preços mais altos do que na Lombardia, as despezas da cultivação são pouco mais ou menos eguaes, e por conseguinte deve esta ser aqui muito mais consideravel que lá fóra. O augmento da producção que ha de succeder com a introducção do novo systema de cultivação, trará comsigo, sem duvida, uma forte baixa nos preços actuaes dos mencionados generos; mas isto não diminuirá os lucros do lavrador, o qual ha de achar na maior quantidade uma grande compensação ao abatimento dos preços. Os antigos romanos, diligentissimos em todos os ramos de agricultura, persuadidos das grandes vantagens dos prados, tinham-os em primeira conta, como affirmam Palladio, Columella, e Catão (vide Berra). Theodorico rei dos godos, fez os maiores, e mais constantes esforços, durante o seu reinado em Italia, para fazer resurgir a agricultura. Este principe, que segundo a opinião de Muratori excedeu á maior parte dos imperadores romanos na gloria, fortaleza, sabio governo, e na civilisação de costumes, animou com grandiosos premios a Cecilio Decio, simples cidadão, por ter deseccado as lagôas pontinas.

Foi elle que reconhecendo as immensas vantagens da irrigação fez os mais louvaveis esforços para introduzir o methodo de regar as terras, do que temos uma prova luminosa na carta que o mesmo Theodorico escreveu a Aproniano, em que lhe ordena que sejam pagas pelo thesouro do estado as despezas da viagem a um engenheiro hydraulico de Africa, chamado a Roma para ensinar o modo de encaminhar e distribuir as aguas, reservando-se dar ao mesmo engenheiro uma mercê proporcionada, logo que o resultado demonstrasse os effeitos vantajosos da arte. (Cassiodoro liv. 3.º pag. 47.) Os monges cistercienses souberam engenhosamente tirar proveito da arte da irrigação, trocando as terras por elles preparadas com este meio, por outras de maior extensão, mas estereis e abandonadas. Em consequencia deste trafico e favorecidos pela ignorancia da épocha, chegaram em breve tempo a um alto grau de riqueza, e poder.

Enriquecidos os agricultores lombardos, com esta arte então inteiramente nova, levaram por diante as suas investigações e empregaram novos meios; e como durante o inverno faltava a erva verde para alimentar as suas numerosas manadas de vaccas, e se viam privados de boa parte do leite que obtinham nas outras estações, diligentemente estudaram o modo de remediar este grave inconveniente, ainda mais sensivel por causa da enorme quantidade de feno consumido pelas vaccas na estação invernosa.

Não foram vãs as suas fadigas, pois que, além da irrigação na estação competente garantír os prados das grandes seccas, dava uma não interrompida, e abundante colheita de feno, reconduzindo-se áquelles prados as aguas que durante o inverno se iam perder inutilmente. Desta fórma deu-se novo vigor ao terreno cançado, e obrigou-se apezar das geadas a produzir hervas verdes e viçosas para nutrição do gado vaccum. Deste methodo, de vantagem incalculavel no territorio milanez, tenho a satisfação de appresentar dois modêlos de experiencia na quinta de Calhariz, por ordem de s. ex.ª o sr. duque, e com os mais felizes resultados. Mas a grande utilidade para os proprietarios não consiste sómente na copiosa producção do leite; os prados artificiaes contribuem poderosamente para a abundancia de cereaes, e todos os productos agricolas.

Na verdade, *nenhuma terra póde conservar a sua fertilidade sem ajuda de adubos.* Para obter adubos de boa qualidade em abundancia e com promptidão, é necessario um numeroso gado; e para obter os gados, são indispensaveis os prados. Estabeleçam-se, pois, os prados: porque, sem elles, a agricultura fica privada da principal origem da sua prosperidade e riqueza.

Um terreno cultivado para prado requer pouco trabalho braçal, o que é para Portugal uma vantagem consideravel, que por si só convidaria o proprietario a preferir este genero de cultivação a qualquer outro.

Para provar mais a efficacia dos prados, basta saber que interrogado Catão sobre qual fosse a melhor producção dos campos: respondeu — os prados tractados como industria; — perguntando depois, qual fosse a producção mais lucrativa insistiu que tambem esta derivava dos prados ainda que mediocremente tratados. Consultado terceira vez, sobre qual fosse em agricultura o objecto mais importante, continuou a asseverar que — eram os prados, apezar de abandonados e despresados. Em consequencia disto costumava dizer: *Prata irrigua, si acquam habebis polissimum facito.*

(Continua).

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

(Continuado de pag. 341.)

§ 6.º

Conveniencias ecclesiasticas da reducção das freguezias.

Livrar uma igreja da necessidade de viver directamente d'um tributo lançado aos parochianos, já é fazer-lhe um beneficio; as cobranças feitas com apparato judicial, e as execuções levam sobre o parocho um odioso que tambem o offende nos interesses. Livre d'este odioso, e da má vontade dos seus parochianos, e estes mais abastados de meios pela ausencia d'um tributo, estão melhor dispostos para ouvir a sua palavra, e para lhe acudir com as offertas do costume.

Em logar de tres templos indecentes para a celebração dos santos mysterios da religião, teria a freguezia um, elegante e bem adornado. Os logares e casaes affastados da villa, e proximos a outras freguezias deveriam ser incorporados n'estas, como reclama o interesse dos povos e da igreja, reconhecidos por aquelles e pelos parochos. Defronte de Villa Nova da Rainha, por exemplo, logo passada a ponte, é freguezia de S. Pedro d'Alemquer. Os casaes alli situados cumprem os deveres religiosos na pobre freguezia de Villa Nova (que a custo sustenta seu pobre parocho), com o consentimento do parocho de S. Pedro. Aqui vão os povos diante do governo ensinando-lhe as conveniencias civis e religiosas.

O parocho e coadjutor d'Alemquer, assim desembaraçados das quintas, logares e casaes affastados, ficariam, em relação á nova freguezia, mais aptos e sufficientes para os onus parochiaes, do que hoje o estão os tres actuaes em relação ás tres freguezias espalhadas e confusas. Melhorar-se-ia por conseguinte o culto, tanto n'esta freguezia, como nas limitrophes, hoje diminutas em terreno e população.

A igreja estaria a menos de meia legua de qualquer das extremidades da freguezia, cuja população seria muito inferior á de Villa Franca de Xira, que não tem mais do que um parocho.

As missas seriam, ainda com a reducção, mais n'esta freguezia do que em outras muito maiores; além das de muitas capellas particulares, e das dos dois parochos, ha uma na igreja da Misericordia, e outra na do Espirito Santo, pagas por estes estabelecimentos.

§ 7.º

Responde-se a alguns obstaculos que poderão oppôr-se.

Alguem poderá oppôr, que a igreja de S. Francisco, abandonada absolutamente desde a extincção das ordens religiosas, necessita de grandes concertos; que o convento está peior na parte indicada para residencia e cartorio, tendo já desabado o tecto; e que faltando os meios para taes concertos não póde fazer-se alli a união das freguezias, segundo convinha para cortar as pretenções e prerogativas, que cada uma ha de querer allegar para ser o centro que a si chame as outras.

Posto que abandonado e deteriorado esteja o templo, todavia é muito bem construido, e posterior ao terremoto; tem boas paredes e madeiras; e não ha muito a fazer nos telhados. Os ultimos invernos algum damno principiaram no templo e na capella de Santa Sancha. O logar designado para cartorio e residencia é o mais estragado do convento, necessita de telhados e madeiras, mas tem boas paredes.

A despeza dos reparos não é grande, em relação ao beneficio que d'ella se deriva, e para lhe fazer face bastaria que o governo lhe destinasse o direito ao que se deve ás collegiadas d'esta villa, extinctas de facto pela extincção dos dizimos, e abandonadas. Uma causa estava já em execução (e assim se conserva), cujo importe chegaria por ventura para quasi todo o concerto. A Ordem Terceira, tambem extincta de facto, e que resurgiria com a abertura do templo, informam-me que tem fundos, e que poderia e quereria concorrer para os concertos do templo, e da sua casa annexa. A freguezia, alliviada do tributo de congruas, tambem poderia contribuir da fórma

que mais conveniente parecesse. Creio, emfim, que este obstaculo é vencivel. Outro surgiria dos caprichos individuaes e irracionaes, que ordinariamente se encontram na adopção de medidas novas; mas estes despresa sempre uma auctoridade, conscia da proficuidade do fim a que se dirige, e dos motivos baixamente interesseiros e apaixonados que os levantam.

CAPITULO III.

Melhoramentos na instrucção publica.

Nos baixos do quarteirão do convento de S. Francisco, que fica da parte do norte, com portas para o claustro, estão as aulas e refeitorio do antigo convento. Para aqui devem ser removidas as aulas de primeiras lettras e latinidade d'esta villa, não só pela maior capacidade da casa, como tambem pelas conveniencias em haver um logar destinado para ellas, que não seja a casa dos proprios mestres.

Além da cadeira de primeiras letras na villa, ha no concelho as de Cadafaes, Méca, Abrigada e Olhalvo. A freguezia da Abrigada é a mais remota da villa, e a mais importante em riqueza de lavoura, e movimento commercial, por isso tem a aula de primeiras lettras dez alumnos, que provavelmente mais utilisarão do que os das outras cadeiras, que nunca contam mais de cinco, e com pouco ou nenhum aproveitamento. Creio que seria util a suspensão das tres cadeiras de Olhalvo, Méca e Cadafaes, transformando-as em uma cadeira estabelecida n'esta villa, em que se ensinem os elementos de poetica, oratoria, geographia, historia, e philosophia racional e moral, em um curso de dois annos, alternado, de fórma que todos os alumnos que saissem do latim podessem principal-o n'esse anno, e acabal-o no seguinte. O ordenado actualmente applicado para as tres cadeiras bastaria para a sustentação d'esta com maior aproveitamento publico. Quando o municipio augmentasse na sua população e rendimentos (como é de esperar que augmente) poderiam então abrir-se aquellas aulas suspensas, com outra vantagem que actualmente não offerecem.

(Continúa.)

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

É muito reclamada pelos portuguezes residentes no imperio do Brazil a maior publicidade do opusculo que passamos a trancrever, escripto em defeza desses nossos compatriotas pelo sr. João Antonio de Carvalho e Oliveira, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra; e não só para o fazer conhecido no continente europeu, mas tambem para divulgar mais no proprio Brazil, onde a REVISTA conta numerosos assignantes, a refutação das falsas e insidiosas asserções de alguns jornaes, que o auctor combate e confunde.

« ..... C'est aux esprits bien faits
» Avoir la vertu pleine en ses moindres effets
Corneille, nos Horacios.
» Combien tout ce qu'on dit est loin de ce qu'on pense!
» Que la bouche et le coeur sont peu d'intelligence?
Racine, no Britanico.

O Argos Maranhense no seu numero 11 entre os muitos insultos contra os portuguezes, escreve estes: —« Os portuguezes, que habitam o Brazil, não são a nação portugueza tal qual a conhece a *Nação*, não são os nobres, os magistrados, os militares, os sabios, os artistas, são sim com rarissimas e honrosas excepções, o refugo, as fezes, tudo quanto de infimo encerra em si o povo portuguez. São trabalhadores, e só nisto são uteis ao nosso paiz. São ignorantes e trazem comsigo todos os elementos de opposição ás idéas de progresso e de liberdade. São cubiçosos e desenvolvem brevemente nos seus negocios a mais torpe immoralidade, a mais insigne má fé. São brancos e não tardam a patentear uma sobranceria arrogante a respeito do nosso povo, que é geralmente de outra côr. São mais protegidos do que nós no commercio, dedicam-se exclusivamente a elle, e, além dos tropeços, que encontramos em uma legislação incoherente com os interesses nacionaes, oppoem-nos uma barreira inconcussa e insuperavel, e impedem que brasileiro algum se possa proficuamente occupar neste ramo de industria. São estrangeiros, deveriam por isso mesmo abster-se de se ingerir nas nossas contendas politicas, e o partido popular os viu comtudo constantemente nas fileiras dos seus adversarios, sempre entre os que pugnavam pelo poder contra a nação, pelo regresso contra o progresso, sempre em armas no campo dos seus oppressores, sempre entre os que lhe derramavam o sangue e confiscavam a liberdade. Combateram no Pará, combateram em Caxias, combateram em Pernambuco, onde organisaram-se militarmente e opposeram as suas cohortes ás cohortes populares, as suas columnas aos exercitos nacionaes. A estrangeiros que sendo hospedes fazem-se senhores, que vindo desvalidos constituem-se oppressores, não admira que o nosso povo retribua odio por odio, maldição por maldição. O povo não aborrece nelles os portuguezes, aborrece sim os fautores da tyrannia, os propugnadores da politica do regresso e da compressão. »

Em o numero 13 accrescenta « A emigração portugueza, excepto a que se effectuou de 1808 a 1820, foi sempre o refugo, as fezes, a parte infima do povo portuguez. Por muito tempo só os degradados vinham para o Brazil.... Os nossos antepassados são os labregos portuguezes, os caboclos, e os pretos de Africa....»

O Progresso, sem duvida muito mais moderado e polido, diz em o numero 23 de março ultimo: —« *A Revolução de Setembro*, jornal popular tambem de Lisboa.... fez justiça aos brazileiros, e limitou-se a dar salutares conselhos aos seus patricios de alem-mar que a terem sido abraçados, estaria terminada a discordia, e estabelecida a harmonia entre as duas nacionalidades....»

E mais abaixo —« Os portuguezes estão de posse exclusiva do commercio, *e não podem tolerar* este retrocesso de opinião. Daqui a coalisão, o deploravel reaparecimento de reciprocas offensas, de odiosida-

des já extinctas.... Quaes os culpados!.... É um facto que está á vista de todos; uma anomalia de triste realidade — que o brazileiro *acha-se impedido* de commerciar no seu proprio paiz....»

« Não se diga, que os brazileiros acham-se excluidos do commercio, por se não darem a elle, por não terem para isso á necessaria aptidão. A causa é mais outra; porque para destruir esta asserção, bastam esses poucos caixeiros brazileiros, *quasi todos* empregados nas casas inglezas.... Se são excluidos, se não encontram accesso no commercio, é porque lhe superabundam *outros* que lhe são preferidos, é porque o homem em estranha terra não póde deixar de agasalhar de preferencia o seu patricio desvalido. Cumprem um dever sagrado, obedecem aos impulsos do coração; cabe-nos a nós o cumprimento do nosso dever para com os filhos do Brazil.

« Mas não é só isto: além destas causas geraes, que certo não podem dar motivo a queixas da nossa parte, existe como que uma *parede, ou conluio* entre os portuguezes nossos hospedes para excluir-nos do commercio; como que se julgam privilegiados para exercel-o exclusivamente no paiz....»

« O lavrador brazileiro remette do interior os seus productos ao negociante portuguez.... mas quando pertende para seu filho um logar de caixeiro, encontra-se face a face com uma negativa brusca e desabrida — os brazileiros não dão para o commercio, não se ageitam....»

« Se um brazileiro consegue estabelecer-se com loja de retalho, o resultado quasi infallivel é a quebra; porque não acha negociantes que lhes abonem as suas letras e obrigações, que lhes dêem o minimo auxilio; e encontra n'outros logistas, outros tantos rivaes combinados entre si....»

O Estandarte em o numero 89 publicou o seguinte periodo: — « Ao lado porém desses pacificos habitantes, e irmãos nossos ha uma cabilda infame, indigna do nome portuguez, um grupo isolado com gazeta propria, chefes, agentes, e soldados, que, deslembrados dos nossos favores e agasalho, insulta a população — quer dominar a provincia — semeia a discordia e a intriga — attaca a segurança individual com o punhal e o bacamarte — e ufano reve-se e pavoneia-se nos males por elle adrede e calculadamente causados »

Nos insultos com que em alguns destes excerptos são os portuguezes mimoseados, tenho eu a minha quota; tomarei pois hoje a penna para me defender e aos meus; e o faço sem a minima tenção de atacar os orgãos das diversas parcialidades politicas.

Principiarei por dizer que quasi todas as accusações que actualmente se nos fazem são logares communs desde trinta annos, com mais ou menos acrimonia, todos os dias repisados em todo o imperio, e que continuarão a sel-o em quanto a mesma causa permanecer. Esta causa está na grande ancia com que os partidos buscam os triumphos eleitoraes, por ser este o melhor meio de conquistar honras e empregos, e de esmagar os contrarios.

Para isso se conseguir muito concorre a popularidade; mas esta assim no Brazil como em toda a parte consegue-se especialmente adulando as classes populares. Ora, todos os que se poem á testa dos partidos brazileiros sabem que a melhor maneira de armar á popularidade, é declamar contra os portuguezes, recordando a essas classes a antiga dominação portugueza, persuadindo-lhes que querem de novo impôr-lha, destruir a independencia do paiz, e outras iguaes babuseiras, que a populaça sempre credula toma por verdades incontestaveis. Com essa mira se vae sempre entretendo a desconfiança e o odio contra os lusitanos, pondo-se nisto tanto zelo como no templo de Vesta se punha em alimentar o fogo sagrado.

Sendo esta a principal causa do mal, como ninguem de boa fé negará, já se vê que baldado será o empenho que eu pozer nesta defeza. Ella não terminará os insultos, nem fará que se chegarem no paiz a renovar-se as scenas que ultimamente ensanguentaram Pernambuco, os portuguezes não sejam assassinados, mas ao menos saber-se-ha por esse mundo aonde esta justificação chegar, que a generalidade dos portuguezes, como gente a mais pacifica do mundo, não merece o injusto tratamento que aqui se lhes dá. Achar-se-ha seguramente que sou fraco athleta para em terra estranha me pôr peito a peito contra tantos inimigos, e eu concordo nisso; mas entendo que quem do seu lado tem a rasão e a justiça não deve acobardar-se, nem contar os seus adversarios.

(Continuar-se-ha.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIX.

ANTES QUEBRAR QUE TORCER.

(Continuado do n.º antecedente.)

Quando o capitão Jeronymo levantou a vista já achou os olhos do padre Ventura a examinal-o. O jesuita tinha a ruga frontal mais cavada, e o sorriso um pouco vago, como succede quando a memoria, perdendo de vista uma coisa, chama em seu auxilio todas as recordações que a podem suscitar. Esta phisionomia, cujo cunho era particular, cuja grandeza e sagacidade eram indeleveis, tambem despertou mil lembranças ao noivo de Theresa, mas não sabia dizer de repente aonde o vira, posto estivesse certo de que pelo menos uma vez na sua vida, e em occasião solemne, já lhe tinha apparecido este homem, esta figura placida e impenetravel: não lhe occorria, porém, nem como, nem aonde.

Por isso, sentiu palpitar o coração com força, e baixou a vista diante do padre Ventura, cujos olhos, descendo do rosto ao coração, parecia que iam queimando por onde passavam.

— « Não se lhe figura que nos encontrámos já? Longe daqui, em outros logares desertos; talvez em dias de perigo e de sacrificio? » — perguntou o jesuita, com certa melancholia, e uma longa interrogação na vista.

— « Julgo que v. paternidade se não engana. Estou-o conhecendo, mas não sei dizer de donde. Creio que alguma vez fallámos; estou certo: a sua voz não me é estranha... »

— « Ora veja! Eu já achei e passaram por mim mais annos. Talvez que o ultimo dia, em que nos encontrámos, fosse o dia em que nos despedissemos para sempre. Acredite em milagres!... Sem elles não estava aqui nenhum de nós; e não fuja de um resuscitado, porque o vem achar com muitos cabellos brancos e bastantes trabalhos de mais... Ainda não se recorda? »

— « Eu já vi a v. paternidade! » — exclamou o mancebo com vehemencia — « Já estivemos ambos... »

— « Com a morte diante dos olhos, e Jesus na boca, diga! »

— « E por signal?... »

— « Dei-lhe eu um annel, e disse-lhe tres palavras. »

— « É verdade! Foi... »

— « Na America. Ora, o annel conserva-o ainda, d'aqui vejo. As tres palavras e o seu voto é que não sei... Esqueceram-lhe? Era natural. »

— « Espera! Eram? »

— « Muito para quem sabe o que ellas valem... Então, ainda não se lembra do meu nome? »

— « Ah! O dia de S. Bartholomeu! V. paternidade é... »

— « Não diga mais... Esse nome e o homem que o tinha morreram na America, em Roma, aonde quer que ficou o missionario, que nós conhecemos ambos... Hoje vê aqui apenas o padre *Julio Ventura*, que veio beijar a mão de elrei, e dá infinitas graças a Deus, encontrando vivo e feliz — vejo que é feliz! — um companheiro dos seus trabalhos... Esqueça o primeiro nome, e apesar do segundo acredite que o homem não mudou, e é o mesmo sempre. »

— « V. paternidade salvo! Vi-o atado ao brazeiro, ouvi os descantes barbaros dos selvagens... »

— » E torna a ver-me sem mais lesão do que estas cicatrizes, que são provas de que tambem ha valor em prégar a fé entre os idolatras? Não se admire! Estivemos ambos em perigo, eu primeiro é verdade; mas ponha os olhos em si, e diga-me: quem o salvou? »

— « Foi Deus que trouxe de repente... »

— « Os fieis que me desataram da arvore, e me livraram dos tractos? Então, bem vê... mas deixemos essa historia. Aqui me tem, sem mais cuidados do que saber se posso abraçar um irmão, ou se estou fallando a um estranho... Não diz nada? »

— « Digo que Deus é grande, e infinito o seu poder. »

— « E que devemos trabalhar *para maior gloria sua*, não diz? »

— « *Ad majorem Dei...* »

— « *Gloriam!* É a divisa da companhia. Attenda-me, filho. Esteve depois com os nossos, repetiu o voto que lhe tomei na vespera do martyrio?... Falle sem receio — aqui não ha perigo. Aquelle é *terceiro*, não ouve nem vê... » — e olhando para o porteiro da canna traçou com o dedo indicador um signal sobre o peito, a que este correspondeu inclinando-se quasi até ao chão. — Estamos *sós*, bem observa! » — proseguiu o padre. — « Repetiu o seu voto? Vejo que sim! Tambem serviu a companhia em espirito e vontade? Espero que servisse! E se eu lhe perguntasse, irmão, padeceria pela causa de Deus e da egreja?... »

— « Respondia que ella é paciente porque é eterna. »

— « Muito bem. *Patiens quia æterna!* É o symbolo. Dê-me um abraço. Raras vezes me engano. Quando o vi deliberado diante da morte cruel, que ambos esperavamos, percebi que se o coração da creança já não vacillava, o que faria o homem depois de feito? Irmão Jeronymo, a companhia precisa de todos os seus filhos. Ha de chamal-o; e eu respondo que vêm.

— « Jurei obediencia, padre *Ventura*. »

— « Mas hoje custa-lhe? Um laço carnal prende-o? Diga, confesse... Não se envergonhe... É moço e não fez voto de castidade. Se ama é porque é amado. Filho, a companhia não exige impossiveis. Sómente acautele-se; ouça o meu conselho. O seu coração é grande e forte... cuidado! São os que mais depressa cahem. Não deixe que a imagem de uma mulher o leve todo atraz de si... Olhe que não ha morte peior. »

— « Meu padre, a esposa que escolhi... »

— « É virtuosa e bella, ía dizer-me? Não importa, ame-a, mas depois de Deus. Ora pois! Alegremo-nos em Jesu Christo. Conto com a sua firmeza. Aonde mora? »

— « Na rua das Arcas, em casa do meu tutor. »

— « Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas? »

— « Quem disse a v. paternidade?... »

— « Sempre me dizem tudo. »

— « Mas isto?... »

— « E a sua noiva é filha de um capitão de navios, negociante rico, cuja irmã esteve de secular em Santa Clara? »

— « Admira-se?.. Diga-me: no tempo, em que era maritimo, se lhe dessem um navio atava o leme e deixava-se correr em arvore secca? Não! Deixava-se navegar sem derrota em risco de perder a embarcação e affogar as tripulações? Tambem não. Ora supponha que eu sou o piloto e que faço diligencia por salvar algum baixel do naufragio... E olhe que o temporal é maior do que se cuida e vem tão perto que o estou sentindo. Affirmo-lhe que se perdem muitos que julgam salvar-se! Mas, vamos ao que importa. Quero que vá a S. Roque, amanhã — é melhor depois; ás nove horas em ponto. Posso esperal-o? »

— « Irei tomar a benção de v. paternidade. »

— « E fallaremos do nosso tempo. Creia que *posso* e *quero* ajudal-o. Depois que nos perdemos de vista o sr. Jeronymo está capitão, segundo vejo; melhorou; eu, com a minha roupeta sempre, se não valho mais do que então, menos tambem não. Os annos dão auctoridade, finalmente, não peiorei. Aqui está o que é. Não se esqueça de que o espero em S. Roque ás nove horas. Acabou o conselho de estado. »

Effectivamente tinha acabado; e el-rei fallando alto da porta da casa do estrado, para a sala do docel, tão alto que se ouviu tudo na casa da tocha, disse para fóra;

— « Conde de Villar Maior, prepare-se! Em quinze dias parte para Vienna meu embaixador, a pedir a mão da archiduqueza D. Marianna de Austria para s. alteza o principe D. João. »

— « S. alteza casa? » — perguntou o capitão ao padre.

— « El-rei diz que *sim*, o principe diz que *não*... » — replicou este sorrindo-se.

— « E v. paternidade? »

— « Eu?.. digo só: *veremos!* Separe-se de mim. Essa gente, que sahe, não é bom que nos veja fallando. Neste mundo, filho, a habilidade, a grande habilidade, consiste em mostrar por fóra o contrario do que vae por dentro. É o que el-rei agora fez. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIII.

A TROVOADA.

(Continuado de pag. 159.)

Affonso VI tinha no caracter a furia descomedida e desarazoada do doido, e a fraqueza timida e candida da creança. Tudo nelle era incompleto; a sua bondade não era bastante para o fazer preferir as acções generosas ás mesquinhas, a gloria aos prazeres, o perdão á vingança; e com tudo elle não era mau a ponto de não o impressionarem as palavras singellas de um homem simples e virtuoso. Não podendo responder com cólera á grave lição que Antonio Rodrigues acabava de lhe dar, porque a furia lhe tinha passado já, e não querendo confessar o seu erro, porque o orgulho lho não consentia, Affonso VI tomou o partido que muitos tomam em taes occasiões; guardou silencio.

A chuva tinha abrandado um tanto. El-rei e o seu couteiro continuaram a caminhar silenciosos, até que, ao clarão vivo mas intermitente dos relampagos, descobriram a pouca distancia Salvaterra, dominada pelas torres ponteagudas do palacio real. Naquelle instante saíam da villa e corriam em todos os sentidos muitos cavalleiros com archotes accesos na mão.

A scena era bella, e fantastica. Um rei perdido no meio de uma extensa charneca, apenas acompanhado por um couteiro velho; ambos silenciosos, ambos preocupados, um pela magua do orgulho offendido, outro pela saudade de um rei que fôra singello e magnanimo para com elle: ao longe, ora apparecendo brilhante como se a illuminara o sol da primavera, ora sumindo-se em trevas densissimas, a villa em que avultava o real palacio, a que a incerteza da luz e o mal definido das fórmas dava proporções colossaes: correndo em todas as direcções, cruzando-se, aproximando-se para se affastarem, affastando-se para de novo se aproximarem, centenares de faxos, que por vezes pareciam levados pelo vento atravez da solidão e da obscuridade, por vezes guiados pela mão fatal dos espiritos ma

leficos por entre os tremendos paroxismos da tempestade: finalmente os multiplicados bramidos de trovoada a que sobresahiam por instantes os sons clamorosos e melancolicos da voz dos cavalleiros que buscavam Affonso VI, tudo contribuia para augmentar a sinistra grandeza daquella noite medonha.

— É hoje sabbado — resmungou o couteiro por entre dentes, mas de modo que El-rei ouviu.

— E que tem isso? — perguntou este.

— É dia de se juntarem feiticeiros e bruxas á hora da meia noite. E bem parece que já andam á solta por ahi. Eu por mim nunca vi noite mais horrivel.

— Tens medo?

— Saiba V. M. que eu medo não no tenho; porque bem sei que sempre ha de succeder o que Deus fôr servido. Mas antes queria estar a esta hora á lareira com a mulher e os pequenos, do que nesta maldicta charneca.

— Não vês Salvaterra já alli; e todos esses homens que nos procuram. Agora não ha que temer.

— O diabo sabe bem as traças de que se deve servir para nos enganar — accudiu Antonio Rodrigues — Para tudo tem artes as bruxas. De um caçador sei eu que enganado pelo demonio, foi correndo atraz de um veado por montes e vales, um dia inteiro. . .

— E depois?

— Depois, quando se fez noite, o veado tornou-se luminoso, como se fosse de fogo, e continuou a correr, a correr sempre.

— E o caçador deixou-o correr.

— O caçador já não sabia onde estava: parecia-lhe vêr diante de si uma planicie immensa, toda coberta de mato, como esta, e ao cabo da planicie branquejar a villasinha que elle habitava. Correu, correu atraz do veado encantado; e dava graças á sua boa sorte por vêr que se ia cada vez aproximando mais da sua terra, sem com tudo perder de vista a rez.

— Matou-a, eim? — perguntou El-rei, a quem este caso, analogo ao que lhe estava succedendo a elle, principiava a interessar.

— Não matou, senhor. O veado quasi ao chegar á villa summiu-se subitamente, sem que o proprio caçador, que levava nelle os olhos pregados, podesse dizer nem como, nem para onde. Mal o diabo, porque era o diabo que assim levava o caçador enganado com aquella fórma e aparencia de veado, mal o diabo se apartou da vista do pobre caçador logo elle se achou rodeado de muitos vultos negros de feia catadura e desmedida grandeza, que se lhe acercaram, agarraram-no, e já o iam levando para uma caverna que alli havia aberta no chão, quando elle se lembrou de chamar pelo santo nome de Christo, Senhor nosso.

— Que tal ficariam os demonios depois disso!

— Arrebentaram todos como bombas, meu senhor. Foi uma tremenda bulha; espalhou-se no ar uma nuvem de espesso fumo, e um cheiro insoportavel de enxofre.

— O caçador teve grande medo?

— Caiu no chão e não deu mais tino de si até ao outro dia de madrugada. Acordou frio de pedra; e viu então que caira dentro de um charco, n'uma charneca que ficava a muitas leguas da villasinha em que elle vivia, e que lhe parecera na vespera ficar mesmo alli á mão.

— Era outra a terra que elle tinha visto?

— Não era nada. Uma illusão do diabo, e nada mais. A charneca era um perfeito deserto, em que se não encontrava viva alma.

Fallando assim de feitiçarias, e supersticiosos terrores, El-rei e Antonio Rodrigues chegaram perto de uma immensa fogueira, que elles julgavam haver sido acendida para lhes servir de farol, um pouco á direita de Salvaterra, nas proximidades do palacio. Foi só então que elles descobriram em roda da fogueira alguns vultos, e a pouca distancia oito ou dez choças piramidaes de palha e mato, dispostas n'um arco de circulo, e com as entradas voltadas para o lado onde ardia a fogueira.

— É uma matilha de ciganos, dos que costumam passar por estes sitios, quando V. M. está em Salvaterra — disse o couteiro.

— O que vem elles fazer aqui?

— Roubar no povoado e no campo, enganar os simples com a sua giria; e lêr a boa-dicha a quem os quer ouvir. Ahi vem direita a V. M. uma das suas bruxas a fazer moumices, e tregeitos hediondos.

Com effeito uma figura de mulher, esguia, descomposta, desconjuntada, semilhante a um esqueleto, mal coberta por um panno negro, que, por molhado, se lhe amoldava a todos os angulos, se lhe enroscava nos ossos descarnados, vinha, dando pulos e torcendo-se n'uma como dança de bachante, direita a Affonso VI, que já nesta occasião havia chegado a poucos passos da fogueira. A cigana trazia os cabellos, brancos como a neve, soltos ao vento; e na mão

direita brandia, á maneira das Eumenides da mythologia antiga, um facho que por instantes a illuminava com luz vermelha e sinistra.

Parando defronte d'El-rei a pavorosa bruxa, começou a bradar, com voz rouca e tremula, brandindo sempre o facho fulgurante:

— Bemditos os esconjuros que mo trouxeram aqui.

E logo depois, pondo-se a correr em roda do cavallo de Affonso, começou a cantar lenta e funebremente.

— Esconjuro-vos, resconjuro-vos todos, demonios da carniçaria, demonios da pescadaria, esconjuro-vos demonios dos hortelões, demonios do curral, todos juntos vinde, juntae-vos, no coração de Affonso entrai, trazei-mo aqui prestes, sem tardar; não o deixeis comer, nem beber, nem socegar, nem dormir, nem repousar, até vir ao meu mandar, e me seguirá onde eu o levar.

— Que esconjuros estás fazendo ahi, bruxa excommungada? — bradou El-rei, levando a mão á faca de matto.

— Esconjuros são para bem de quem os ouve — respondeu a cigana no mesmo ritmo funebre — Vem commigo, e verás. Por ti esperava, por ti chamava; vieste porque os demonios te trouxeram, vieste para vêr o que não quizeras vêr.

— Quem és tu? — perguntou o rei, reportando-se.

— Zaida, sou Zaida. A mãe desditosa; a serva do demonio que me não quer dar minha filha. Por tua causa, por causa do rei e do vassallo morreu minha filha Aza. Quero dar-lhes o pago, vem comigo.

E ao dizer isto Zaida fez um gesto imperativo; e, agitando o facho acima da cabeça, de modo que no ar se espalhou um sem numero de faiscas, poz-se a caminhar em direitura a Salvaterra.

A poucos passos, porém, vendo que a seguiam os dois cavalleiros, parou; e com voz imperiosa:

— Basta que um me siga; o rei e não o vassallo — disse. — Para o rei fiz os conjuros; e se outro vier com elle, é como se nada se tivesse feito.

— Fica tu aqui, Antonio Rodrigues — ordenou Affonso VI ao couteiro.

— Meu senhor. . . .

— Não ha que recear. Quero vêr onde esta maldita feiticeira me leva: talvez ella tenha algum segredo a revelar-me.

Neste momento passou, a pouca distancia dos caçadores, um homem montado n'um cavallo escuro e embuçado n'uma capa, o qual, ao ouvir a voz d'El-rei pareceu hesitar um instante entre parar ou proseguir na sua carreira. Esta hesitação foi apenas momentanea: soltando a redea ao cavallo, e cravando-lhe os acicates o cavalleiro desapareceu na obscuridade.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Theatro de S. Carlos. — Na quinta feira passada subiu novamente á scena a *Parisina* de Donizetti, repetindo-se successivamente no sabbado e domingo. A *Parisina* não sendo das mais celebres producções do insigne *Maestro*, é todavia uma opera de muito merecimento, e postoque pertença ao numero das mais antigas do nosso repertorio, é ouvida ainda hoje com prazer. A sua execução desta vez coube á sr.ª Arrigotti, e aos srs. Musich, Mancusi, e Goré; e foi em geral satisfactoria.

A sr.ª Arrigotti desempenha mui bem a parte de protagonista. É digna de especial louvor na sua *aria* do 1.º acto, e no *duetto* com o baritono; — em todo o decurso da opera, porém, nos revela a sr.ª Arrigotti os dotes artisticos que a constituem uma primeira dama de distincto merecimento, como sempre a considerámos, desde que a ouvimos no seu debute na *Lucia*. Se o nosso publico nem sempre tem apreciado devidamente o talento da sr.ª Arrigotti, não seremos nós que deixaremos de lhe tributar pela imprensa a nossa sincera e conscienciosa homenagem.

A parte de tenor é bem interpretada pelo sr. Musich. Este artista distingue-se particularmente na bella *aria* do 2.º acto, que canta com muita expressão e delicadeza, e em que tem sido justamente applaudido.

É credor de igual elogio o sr. Mancusi, não só pelo canto, como tambem pela devida interpretação que dá ás differentes situações dramaticas do *libretto*. Seria conveniente, porém, que este artista *se resignasse* a parecer mais velho em scena, quando as circumstancias assim o exigirem, como nesta opera, afim de evitar o contrasenso que estamos vendo, pois figurando o sr. Mancusi de pae do sr. Musich (*Ugo*) parece ser este o mais idoso.

O sr. Goré vae bem na parte de *Ernesto*.

No sabbado tivemos occasião de ouvir o eximio flautista, sr. José Maria Ribas, que achando-se de passagem nesta cidade, segundo ouvimos, se prestou a tocar por obsequio uma peça acompanhada ao piano por Miss Scott, joven ingleza, sua discipula, a quem ainda em tenra idade sorri já um brilhante futuro na arte a que se dedicou.

O sr. Ribas é um artista insigne; é preciso ouvil-o para formar idéa do modo porque elle toca, ora brilhante e *vivace*, ora suave e melodioso, man-

tendo sempre a mais perfeita intonação, e dando o colorido mais vivo á musica. O acolhimento summamente lisongeiro que teve da parte do publico, bem como a sua joven discipula, deve por certo induzil-o a dar alguns concertos em Lisboa, em que obterá novos triumphos, proporcionando-nos o prazer de novamente o admirarmos.

Tocou-se no sabbado uma symphonia do Mercadante, dedicada á memoria do rei Carlos Alberto. É uma peça de musica classica, e foi magistralmente executada pela orchestra, que bem mereceu os applausos que lhe foram prodigalisados.

Os srs. Bonafós e Goré houveram-se bem na execução do engraçado *duetto* da opera *Chi dura vince* de Ricci.

A sr.ª Sannazari acha-se quasi inteiramente restabelecida, e esperamos dentro em poucos dias vel-a brilhar de novo na nossa scena lyrica.

O bonito *passo a dous* em caracter *A Styrienne* continua a agradar e a merecer as honras do *bis*.

Estão-se concluindo os trabalhos para a grande dança phantastica em 8 quadros intitulada *Alcindor*, que segundo nos consta irá á scena no dia 20 do corrente. D. R.

Commercio. — *Pernambuco 21 de fevereiro de 1852.* — *Assucar.* — O branco regulou de 2$000 a 2$400 rs. conforme a qualidade. Mascavado 1$450 a 1$600 rs. O assucar chegado ultimamente do centro é de qualidade inferior e em menor quantidade ao recebido neste mez em annos anteriores. Esta differença é devida ao tempo chuvoso. As compras durante o mez tem passado de 60:000 sacos a maior parte do branco.

Algodão. — Tem sido pequenas as entradas, e as vendas promptas. Regulou de 4$600 a 4$800 rs. Da Parahiba venderam-se dois carregamentos a 5$200 rs. posto abordo.

As entradas no mez corrente orçam a 1:000 sacas.

Couros. — O seu preço tem sido de 112 rs. o arratel.

Azeite doce. — Vendeu-se a 1$900 rs. o galão.

Farinha de trigo. — Idem de 13$000 a 17$000 rs. por barrica. O deposito é de quasi 9:000.

Vinhos. — Foram vendidos a 100$000 rs. os da Figueira e 132$000 rs. marca PRR. Os vinhos existentes são quasi todos ordinarios do Mediterraneo. Dos portuguezes ha falta.

Cambio. — Durante a ultima semana negociaram-se 25:000 £ aos cambios de 27, 27½d, tendo a primeira cotação sido dada com uma espera de 50 dias para o pagamento aqui. Os sacadores recusam dar hoje lettras a mais de 27d. — 60:000 £ pouco mais ou menos foram negociadas para este vapor, e para ou — Swordfish — que sahiu a 14.

Para Portugal regulou o cambio de 92 a 96½.

Estão hoje neste porto cerca de 70 navios, sendo 5 portuguezes. Apesar deste pequeno numero de embarcações os fretes continuam baixos.

A febre amarella ainda grassa infelizmente nesta cidade e seu porto, tendo havido ultimamente algumas mortes, que todavia são poucas em relação ao numero das pessoas atacadas; porque felizmente esta epidemia é muito mais benigna nesta estação que na de 1850 em que teve principio.

No Pará tambem continua esta molestia, assim como no centro do Ceará, onde tem feito grande mortandade.

O commercio em geral está muito frouxo. As chuvas que tem constantemente cahido, o que é raro nesta quadra do anno, impedem a entrada do interior dos productos do paiz.

Punição da má fé e avareza. — As ultimas cartas de Constantinopla referem uma curiosa anecdota do sultão. — Um rico armenio tinha perdido uma carteira com o valor de 400:000 piastras em lettras; e offerecia 40:000 de alviçaras a quem lh'a restituisse. Achou a carteira e reclamou a recompensa um pobre velho mui honrado; porém, o armenio, querendo eximir-se ao pagamento da quantia promettida, porfiava que a carteira continha tambem um anel de muito preço, que o velho sonegára. O caso foi levado ao conhecimento do sultão, que tendo-se certificado da probidade do velho e da notoria avareza do armenio decidiu que, visto a carteira deste conter um anel não podia ser a que o primeiro achára, e que por consequencia cumpria entregar-lhe a das 400:000 piastras, e o armenio que renovasse as pesquizas e repetisse os annuncios para achar a que, segundo a sua ultima declaração, lhe competia.

ADVERTENCIA.

Julgamos que existem motivos para reproduzirmos as regras que em os n.os 10.º e 21.º do 8.º anno estabelecemos para regular o direito de propriedade em relação á REVISTA.

« Reservamos para nós o direito de reproduzir toda a parte da REVISTA, que pertence á redacção.

« O direito de reproducção dos artigos dos nossos collaboradores, quando por elles nos não for cedido, só aos referidos collaboradores fica reservado, e que é mister auctorisação sua para se reproduzirem em outros jornaes.

« Protestamos contra qualquer violação de taes principios feita desde esta data; e ante os tribunaes requereremos a justiça que assiste ao nosso direito. »

Com pesar nos veremos obrigados a sustentar o nosso direito. Mas se o abuso continuar — seja da parte de quem fôr, havemos de defendel-o com franqueza e energia.

Lisboa, 10 de março de 1852.